

MANUAL DE REDAÇÃO

Guia Prático da Língua Portuguesa

Luiz Fernando Mazzarotto

Teoria da Redação

Redação nos Vestibulares

Redação Escolar, Comercial e Oficial

Davi Dias de Camargo

Interpretação de Texto

Ana Maria Herrera Soares

Guia Prático de Redação



**DIFUSÃO
CULTURAL
DO LIVRO**



Editor

Raul Maia

Produção Editorial

Departamento Editorial DCL

Produção Gráfica

Nelson Pastor

Capa

Antonio Briano

Diagramação

Thiago Nieri

Revisão

Caio Alexandre Bezarias

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Mazzarotto, Luiz Fernando

Manual de redação / Luiz Fernando Mazzarotto,
Davi Dias de Camargo, Ana Maria Herrera Soares.
-- São Paulo : DCL, 2001. -- (Guia prático da
língua portuguesa)

Bibliografia.

ISBN 85-7338-429-8

1. Português — Redação I. Camargo, Davi Dias
de. II. Soares, Ana Maria Herrera. III. Título.
IV. Série.

01-0305

CDD-808.0469

Índices para catálogo sistemático:

1. Redação : Português 808.0469



Proibida reprodução total ou parcial
Direitos exclusivos desta publicação:
© Difusão Cultural do Livro Ltda.
Rua Manoel Pinto de Carvalho, 80
CEP: 02712-120 – São Paulo – Brasil
dcl@editoradcl.com.br

Introdução

No mundo atual, escrever é sempre importante, necessário e freqüente. Mostrar que você sabe comunicar-se (bem) usando a escrita é um dos fundamentos da capacidade de ser e realizar, da cidadania e da competência. A tão propalada era do computador que, muitos afirmavam, iria diminuir drasticamente a necessidade de papel e de escrever, fez o inverso: nunca tanta informação e conhecimento circularam entre tantas pessoas e de modo tão rápido, nunca as pessoas se comunicaram tanto (via e-mails, chats, impressos etc), fazendo com que todos escrevamos mais e mais.

E escrever bem exige conhecer as regras e bons autores do idioma em que se escreve. É nesse momento, em que se exige segurança no manejo das palavras, que surge temor, dúvida, desconfiança e sentimento de debilidade diante dos labirintos da língua. Estas são as reações mais comuns de vestibulandos, alunos de colégios e cursinhos e outros praticantes da Língua Portuguesa quando precisam encará-la. E produzir um texto correto e elegante, em que o uso adequado das infinitas e complicadas regras gramaticais case com as idéias a serem

comunicadas, resultando em algo prazeroso de ler, parece coisa reservada aos professores de gramática, aqueles especialistas que estudam a Língua Portuguesa a ponto de fazerem disso sua profissão.

Nada mais equivocado. A Língua Portuguesa é acessível a todos, é companheira e filha de nós e da cultura em que vivemos e participamos; companheira porque a utilizamos continuamente, é o veículo de transmissão de nossos saberes, conhecimento e visão de mundo, e filha porque é uma entidade continuamente alterada pela vivência e criações de nós, falantes da língua portuguesa espalhados pelo mundo.

Este *Manual de Redação* é um guia para todos que querem e precisam escrever; pretende ensinar a vencer temores e dúvidas que cercam a produção de um texto. Contém a teoria completa da redação e suas categorias, muitos exemplos do uso correto de palavras e expressões, como interpretar corretamente um texto. E mais: modelos de redação comercial e oficial, temas de redação e questões dos principais vestibulares do Brasil, para você praticar o que aprendeu.

Sumário

1. Teoria da redação

Introdução	1
A redação e os bloqueios	2
Tipos de redação	4
Descrição	4
Tipos de descrição	4
Exemplos de descrição	5
Exemplo de descrição de pessoa	6
Exemplo de descrição de ambiente	7
Narração	7
Exemplos de narração	8
Formas de relatar o enunciado	10
Formas do discurso	11
Dissertação	12
Exemplos de dissertação	14
Objetividade x Subjetividade	15
Texto Subjetivo	16
Texto Objetivo	16

As partes da redação	
— Estrutura	17
I. Introdução	17
II. Desenvolvimento	17
III. Conclusão	18
Qualidades básicas da redação	20
Montagem da redação	20
I. O visual ⇒ estética	20
II. Lado interno ⇒ correção ..	22
1. A correção	23
2. A clareza	24
3. A concisão	25
4. A originalidade	25
5. A elegância	26
6. A coesão	26
Montagem dos esquemas	26
Seleção e organização das idéias na redação	26
Modelo de esquema	27
Dissertação: como proceder?	27
Exemplos de esquemas	28

Descontraia	29	II – Da elaboração da redação	72
O estilo de cada um	29	III – Das propostas	73
Mandamentos de uma boa redação	30	Modelo 7 – UNIFOR-CE	74
O início da redação	33	Modelo 8 – UEMA	75
Pontos a ponderar	34	Modelo 9 – UEL-PR	75
		Redação	75
2. A redação nos vestibulares		Modelo 10 – UFPE	76
Lembretes importantes	35	Objetivo:	76
Os erros mais frequentes	35	Critérios básicos de correção	77
Temas de redação de vestibulares	36	3. Redação escolar, comercial e oficial	
Proposta	56	Exemplo de redação escolar	78
Modelo 1 – ENEM 2000	63	Carta comercial – Regras	81
Modelo 2 – UFMG 99	65	Ata	83
Modelo 3 – UERJ 2000	66	Circular	85
Instruções	66	Certificado	87
Proposta de redação	66	Contrato	87
Coletânea de textos	66	Memorando	89
Conjunto 1 — Crianças e adolescentes no Brasil	66	Ordem de serviço	89
Conjunto 2 — A infância na mídia	67	Procuração	90
Conjunto 3 — Alguns dados	69	Parecer	91
Conjunto 4 — Cenas brasileiras	70	Recibo	92
Modelo 4 – ESPM-SP	70	Relatório	94
Modelo 5 – PUC-RS 2000	71	Currículo	95
Redação	71	Apresentação	95
Modelo 6 – PUCCAMP-SP	72	Conteúdo	96
Instruções gerais	72	Redação oficial	98
I – Dos cuidados gerais a serem tomados pelos candidatos	72	Ofício – Regras	98
		Ofício completo	99
		Ofício simples	100
		Requerimento	102

Decreto	104	3. Metonímia	121
Despacho	105	4. Ironia	121
Auto	105	5. Eufemismo	122
Aviso	106	6. Prosopopéia ou Personificação	122
Ato	107	7. Hipérbole	122
Acórdão	108	8. Antítese	122
Boletim	109	9. Gradação	122
Comunicado	109	10. Catacrese	123
Edital	110	11. Aliteração	123
Folha corrida	112	12. Assonância	123
Portaria	113	13. Onomatopéia	123
		14. Polissíndeto	123

4. Interpretação de textos

Conceito	114
A intenção textual	115
O sentido lógico e o sentido simbólico das palavras	116
Graus de compreensão dos textos	117
Figuras de linguagem	119
1. Metáfora	119
2. Comparação	120

5. Guia prático de redação

Introdução	155
Especificações	156
Observações finais	291
Vocabulário	301
Questões de vestibulares	343
Índice	371
Bibliografia	375

1 Teoria da redação

Introdução

A **Redação no Vestibular, ou em qualquer tipo de Concurso**, certamente já causou muito mais horror, tremores, faniquitos e bloqueios do que hoje. Destarte, passou o tempo, aprendeu-se a conviver com ela, mas não se lhe descobriram os segredos, não se lhe assinalaram as técnicas, não se lhe adquiriu o sabor gratificante da convivência: **tornou-se conhecida, mas não íntima**.

O vestibular nos exige muito mais que garatujas, rabiscos, arremedos de comunicação verbal lançados ao papel. As falhas, sabemos-las, são de base. A reforma do ensino, com o distanciamento da cultura humanística, assolou o debilitado saber, contribuindo muito mais para um ensino pragmático que se coloca adverso «ao gosto pelas letras».

E comunicarmo-nos é criar. É oferecer a outrem as nossas idéias, as nossas opiniões, as nossas experiências de vida. É mostrar a nossa cultura e personalidade. A comunicação escrita, muito mais que a oral, é o nosso auto-retrato. A redação surge como um verdadeiro espelho do que somos — é o peso de nossa bagagem cultural. Ora, entendendo-a, mesmo que inconscientemente, como reflexo da nossa bagagem formativa, como reflexo «do que sou», pare-

ce-nos normal a reação instintiva de detestá-la, de abstraí-la de nosso dia-a-dia, pois seria anormal o regozijo por uma redação que nos lembrasse todas as limitações de que somos possuidores. E, ainda por cima, com nosso nome e assinatura... É demais!

Mas, entenda-se o vestibular como uma grande maratona, e suponha-se que, no lugar da redação (com número de linhas e tempo definidos), exigissem dos vestibulandos uma prova de natação, por exemplo: «o candidato deverá nadar quinhentos metros em cinquenta minutos; não atingir o estabelecido implicará a atribuição do grau zero». Um percentual insignificante de candidatos (aqueles que fizeram da natação, desde a infância, uma prática constante) não se preocuparia em absoluto com tal prova. Apenas, ao longo do ano preparatório, continuariam a manter a forma. Os outros, a maioria esmagadora (tal como na redação), seriam obrigados a submeter-se a treinamentos constantes e intensos, que lhes exigiriam muita força de vontade e autodeterminação em treinar mais, muito mais do que uma vez por mês ou por quinzena ou por semana. Force-se, agora, um paralelo com a redação e sintase o quanto nos falta, não para escrever algumas linhas (como para dar algumas braçadas suficientes para atravessar a piscina na sua lateral), mas para escrevermos (ou nadar-

mos) o suficiente em técnica e correção, com limites de tempo e de número de linhas, de forma a nos possibilitar concorrer, mais do que participar, a uma vaga na Universidade.

É necessário, portanto, que cada um, conscientizado de suas limitações e necessidades, se atire de corpo e alma a um trabalho de treinamento contínuo e gradativo, com vistas a melhorar a sua redação, à luz das técnicas e orientações dadas.

O esforço, a dedicação, o reconhecer-se débil — mas capaz — são os elementos que, juntos, propiciarão ao aluno as condições para adquirir a autoconfiança perdida ao longo de anos sem preparo específico, refletidos basicamente em bloqueios e brancos mentais, ou na apavorante quantidade de erros que surgem após uma correção. É básico que cada um venha acreditar em si mesmo, sinta-se o suficientemente capaz de, por meio de treinos contínuos, elaborar uma redação que atinja os padrões mínimos de objetividade, clareza e correção das idéias: pré-requisitos exigidos e propostos para a redação nos vestibulares ou nos concursos públicos.

Portanto:

Eu + Força de Vontade

Proporcional às Minhas Dificuldades = TREINO + TREINO + TREINO + ...

Esta é a regra: **Escrever? Só escrevendo...!**

...INCLUSIVI, ESSA NEGOCIAÇÃO DE PÓ PORTUGUÊS I REDACÇÃO NO VESTIBULÁR. PRÁ QUÊ REDACÇÃO I PORTUGUÊS SI EU QUERO MESMUÊ SÊ INGENIÊRO?



A redação e os bloqueios

«Gastei uma hora pensando um verso que a pena não quer escrever.

No entanto ele está cá dentro inquieto, vivo.

Ele está cá dentro e não quer sair.»

(Carlos Drummond de Andrade)

«Tantos estudantes psiquicamente normais, que falam bem, e até com exuberância e eloquência, no intercâmbio de todos os dias, são desoladores quando se lhes põe um lápis ou uma caneta na mão.»

(Mattoso Câmara)

São poucas as pessoas que, ao receberem a incumbência de escrever alguma coisa, ainda que simples bilhete, não sintam inibição paralisante. Acontece um branco em sua mente, um vazio

nas suas potencialidades. Vivem minutos (minutos?) de angústia, roem unhas, mascam caneta e nada sai.

O que acontece, se tal ocorre inclusive com pessoas de razoável conhecimento, com executivos desinibidos, por exemplo?

Primeiramente, como causa objetiva, existe a falta de hábito da escrita e da leitura. Secundariamente, existe a causa subjetiva, o bloqueio psíquico. Quando escrevemos, temos medo de expor-nos. Em geral, não tememos ser gozados pelo que dizemos. Mas não aceitamos a hipótese de gozação pelo que escrevemos. É a **força do documento!**...

É importante não esquecer que, o mais das vezes, falar bem não significa necessariamente escrever bem. Na linguagem oral, usamos de recursos que inexistem na escrita: os gestos, por exemplo, ou as situações configuradas, facilmente descritas ou levadas a imaginar, são elementos fundamentais para que a comunicação possa ser efetuada. Convém ainda lembrar que no falar somos repetitivos e, às vezes, até mesmo obscuros, sem que ninguém nos «anule» nada. Na redação, ao contrário, a objetividade e a clareza devem se fazer presentes, pois nós não seremos inquiridos no caso de alguma dúvida.

Daí que nossas dificuldades se fletem em brancos ou bloqueios e somente como já dissemos, muito treinamento e perseverança são capazes de nos devolver a autoconfiança abalada e de nos oferecer um mínimo de condições para que o fazer redações não se

torne algo não só penoso, mas impossível.

Como evitar isso?

— **Treinando! Escrevendo todos os dias. Lendo e escrevendo.**

— E tempo?

— Todos dispõem de tempo. É apenas uma questão de saber aproveitá-lo. De dez minutos diários para uma leitura, de mais dez minutos para pequena redação, todos dispõem. É só fazer hábito e... até o gosto é capaz de adquirir.

Lembre-se: 10 e 10

— Adianta escrever se ninguém corrige?

— Evidentemente que sim! Escrevendo todos os dias você vai se desinibindo. Vai adquirindo jeito para a coisa. Vai sanando dúvidas de ortografia (desde que consulte o dicionário). Vai ficando fluente.

— Escrever sobre quê?

— Sobre qualquer coisa. No começo, é aconselhável escrever sobre coisas que aconteceram com você. Expressamos melhor assuntos que vivemos. Depois sobre uma notícia, um comentário. A cena de um filme. Mais tarde um tema abstrato. Reproduzir aquilo que leu. Ou então reescrever as redações que voltam da correção, corrigindo-as nos erros apontados, aumentando-as em idéias novas, enriquecendo-as de detalhes que, porventura, tenhamos lido ou que tenham nos ocorrido. E assim vai indo...

Tipos de redação

Três são os tipos de composição escrita: a **Descrição**, a **Narração** e a **Dissertação**.

Descrição

Descrever é traduzir com palavras aquilo que se viu e se observou. É a representação, por meio das palavras, de um objeto ou imagem.

É uma seqüência de aspectos: forma, tamanho, matriz, quantidade etc. Equivale ao registro do que se vê em uma fotografia. Pessoas, objetos ou paisagens (com todos os seus pormenores) podem ser objeto de um desenho ou pintura e, logicamente, de uma descrição.

Consiste em fazer viver, tornar vivos e tangíveis os pormenores, situações ou pessoas. É evocar o que se vê ou sente, ou criar o que não se vê, mas se percebe ou imagina. Descrever não é **copiar** friamente, mas enriquecer a visão do que é real ou procura-se tornar real. Saber descrever não significa enumerar muitos detalhes, mas procurar transmitir sensações fortes.

A descrição é destituída de ação. É **estática**.

Na descrição, o ser, o objeto ou o ambiente são mais importantes, ocupando lugar de destaque na frase o **substantivo** e o **adjetivo**.

O interesse de um texto descritivo reside na impressão que tal descrição provoca em nós, e nada melhor que o **substantivo** — que designa o mundo do ser — e o **adjetivo** — que designa o mundo das qualidades do ser — para produzirem enfaticamente aquela **impressão** que brota da fonte descritiva.

O emissor capta a realidade por meio de seus sentidos e a transmite, utilizando os recursos da linguagem, tal que o receptor a identifique. A caracterização é imprescindível, daí a forte incidência de adjetivos no texto. A descrição é **atemporal**, por um lado, e **espacial**, por outro. Verbos indicativos de ação ou movimento são secundários, valorizando-se os processos verbais não-significativos, ou de ligação. Há grandes descrições que desprezam totalmente formas verbais finitas, ressaltando o emprego de formas nominais (infinitivo, gerúndio, participípio).

Convém que se observe, na descrição, a quase ausência de processos verbais finitos (indicativo ou subjuntivo), o que dá à descrição um tom especialíssimo de imobilidade do objeto.

Tipos de descrição

1. Descrição Denotativa: A descrição é denotativa quando a linguagem representativa do objeto é objetiva, clara, direta, sem metáforas ou outras figuras literárias. Na descrição denotativa, as palavras são tomadas no seu sentido de dicionário, único. Denotativas são, por exemplo, as descrições científicas, as descrições que vêm nos livros didáticos etc.

2. Descrição Conotativa: É a descrição literária, onde as palavras são tomadas em sentido **simbólico**, ricas em **polivalências**. Visam a retratar uma realidade além da realidade. Uma **supra-realidade**.

Dado, por exemplo, o tema «**A Cadeira**» para descrever:

- a) A pessoa que se limitasse a descrever fisicamente a cadeira — suas pernas, espaldar, assento, altura, cor etc. — estaria fazendo **descrição denotativa**.
- b) Mas aquele que passasse, digamos, a descrever «reações psicológicas» de uma cadeira diante dos diferentes tipos de nádegas que sobre ela repousassem... estaria fazendo **descrição conotativa**.

Qualidades da boa descrição: uma descrição é boa quando é viva, animando-se a paisagem com seres vivos e com a presença do homem. Além de viva, a descrição deve ser real e pormenorizada. Descrição real é a descrição em relevo, dotada, podemos dizer, de corpo. Devem ser eliminados todos os pormenores que não se subordinem à impressão geral que se quer dar.

O estilo da descrição: a linguagem descritiva exige o vigor e o relevo do termo forte, próprio, exato, concreto. Nos quadros de natureza, por exemplo, a linguagem deve traduzir a cor e a visão, os espaços sem limites, as formas sem contornos, imprecisas, intangíveis, para isso utilizando os termos gerais e abstratos.

Exemplos de descrição

1. «Duas horas da tarde. Um sol ardente nos colmos dardejando e nos eirados sobreleva aos sussurros abafados o grito das bigornas estridentes...»

(Gonçalves Crespo)

2. «Manhã cinzenta. Partida de Lisboa. Os primeiros aspectos da campina ribatejana: touros, campinos de vara ao alto, searas infinitas.

Depois, mutação de cenário: florestas de pinheiros verdeneiros, outeiros.

Uma aberta de luz: campos extensos de milho e arrozais. Enfim, o tufo espesso do Choupal. Coimbra, debruçada sobre o Mondego».

(R. Lapa)

3. «Sala de prédio novo no pátio do torel. Ornatações «Liberty» na sua clara tonalidade preferida, que funde o verde-mar e em rosa-pálido. Duas grandes janelas por onde se perspectiva a baixa e um largo trecho do rio. A parede do sul cortada por três arcos envidraçados que dão para uma espécie de estufa rescendente.»

(Teixeira Gomes)

4. «Os companheiros de classe eram cerca de vinte. O Gualtério, **miúdo, redondo de costas, cabelos revoltos, motilidade brusca e caretas de símio — palhaço dos outros**, como dizia o professor: o Nascimento, **o bicanca, alongado por um modelo geral de pelicano, nariz**

esbelto, curvo e largo como uma voice; o Álvares, moreno, cenho carregado, cabeleira espessa e intonsa de vate de caverna, violento e estúpido (...); o Almeida, claro, translúcido, rosto de menina, faces de um rosa doentio, que se levantava, para ir à pedra com um vagar lânguido de convalescença; o Maurílio, nervoso, insofrido, fortíssimo em tabuada: cinco vezes três, vezes dois, nove fora, vezes sete? . . . Já estava Maurílio, trêmulo, sacudindo no ar o dedinho esperto... olhos fúlgidos no rosto moreno, marcado por uma pinta na testa; o Negrão, de ventas acesas, lábios inquietos, fisionomia agreste de cabra, canhoto e anguloso, incapaz de ficar sentado três minutos; (...) Batista Carlos, raça de bugre, válido, de má cara, coçando-se muito, como se o incomodasse a roupa no corpo, alheio às coisas da aula, como se não tivesse nada com aquilo, espreitando apenas o professor para aproveitar as distrações e ferir a orelha dos vizinhos com uma seta de papel dobrado. (...)

Fui também recomendado ao Sanches. Achei-o **supinamente antipático: cara extensa, olhos rasos, mortos, de um pardo transparente, lábios úmidos, porejando baba, meiguice viscosa de crápula anti-go.** Era o primeiro da aula. Primeiro que fosse do coro dos anjos, no meu conceito era a derradeira das criaturas.»

(O Ateneu, Raul Pompéia — *Coleção dos Clássicos Brasileiros*, Edições de Ouro, p. 57-58.)

Exemplo de descrição de pessoa

NHÔ RUFA

Chamava-se Rufino o preto cuja carapinha em desalinho a neve dos anos manchara de branco. Não sei a sua idade, mas meu avô dizia que "Negro quando pinta tem três vezes trinta". Talvez carregasse por noventa anos aquele corpo magro e dolorido.

As pálpebras empapuçadas deixavam entrever, dos olhos, apenas um risco preto que mirava com ódio a menina da que o acompanhava e divertia-se às suas custas.

A pele preta era opaca e sem viço, próprio da idade avançada. Seu nariz achatado parecia esborrachado. O lábio inferior, bem vermelho e grosso, pendia desgovernado, dificultando a fala.

Os pés grandes e descalços, sempre inchados, permitiam-lhe apenas um caminhar trôpego, arrastado e cansado. Usava um velho capote de cor indefinida, onde predominava o pó da estrada, e um chapéu de feltro, maltratado pelas intempéries, tão deformado pela falta de forro a ponto de parecer uma tigela desabada sobre os olhos.

Trazia a tiracolo um bodoque (que é um arco para atirar bolotas de barro) e, no outro ombro, uma velha aljava de couro, velha e encardida, repleta das ditas bolotas de barro seco, sua arma contra os meninos. Estes diziam que Nhô Rufa tinha bicho-de-pé e gritavam de longe, em coro:

— Bichento! Bichento!

(Dalva Ferreira Fanchim. *Pirai do Sul, sua gente e suas histórias*. Curitiba: Imprensa da Assembléia Legislativa do Paraná, 1984, p. 90.)

Exemplo de descrição de ambiente

A FAZENDA

Pior fazenda que a do Espigão, nenhuma. Já arruinara três donos, o que fazia dizer aos pragueiros: Espiga é o que aquilo é!

Os cafezais em vara, ano sim ano não batidos de pedra ou esturrados de geadas, nunca deram de si colheita de entupir tulha. Os pastos ensapezados, enguaxumados, ensamanbaiados nos topes, eram acampamentos de cupins com entremeios de macegas mortíferas, formigantes de carrapatos. Boi entrado ali punha-se logo de costelas à mostra, encaroçado de bernes, triste e dolorido de meter dó.

As capoeiras substitutas das matas nativas revelavam pela indiscrição das tabocas a mais safada das terras secas. Em tal solo a mandioca bracejava a medo varetinhas nodosas; a cana caiana assumia aspecto de caninha, e esta virava um taquariço magrela dos que passam incólumes entre os cilindros moedores. Piolhavam os cavalos. Os porcos escapos à peste encruavam na magrém faraônica das vacas egípcias.

Por todos os cantos imperava o ferão das saúvas, dia e noite entregues à tosa dos cupins para que em outubro se toldasse o céu de nuvens de içás, em saracoteios amorosos com enamorados satívos.

(Monteiro Lobato. *Urupês*. 13. ed., São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 234-5.)

Narração

Narrar é discorrer sobre fatos. É **contar**. Consiste na elaboração de um texto que **relate** episódios, acontecimentos, ou seja, é uma seqüência de acontecimentos: começo, meio e fim. Equivale ao registro de uma história, de um "causo", de uma anedota, de uma piada. Quando se conta uma história (verdadeira ou inventada), está-se fazendo uma narração.

Ao contrário da descrição, que é estática, a narração é eminentemente dinâmica. Nela predominam os **verbos**. Aqui o importante está na **ação**. No «o que aconteceu».

A essência da ficção é a Narrativa, respondendo os seus elementos a uma série de perguntas. São elas:

- a) Quem participa nos acontecimentos? (personagens)
- b) O que acontece? (enredo)
- c) Onde e em que circunstâncias acontece? (o lugar dos fatos, ambiente e situação)

Em síntese, a narrativa de um fato ou vários é feita a partir de alguns elementos, tais como:

o quê?

o acontecimento a ser narrado;

quem?

a personagem principal (protagonista);

quem?

o antagonista;

como?

a maneira como se desenrolou o acontecimento;

quando?

o tempo da ação;

onde?

o local do acontecimento;

por quê?

a razão do fato;

por isso

o resultado ou consequência.

Na redação narrativa, o **fato** é o núcleo da ação, e o verbo o elemento valioso por excelência. Ao escrevermos uma narração, é importante que uma só situação a centralize e envolva as personagens. Deve haver um centro do conflito, um núcleo do enredo. A narração distingue e ordena os fatos.

A sua essência é a criatividade.

O texto narrativo é eminentemente **temporal e espacial**. Envolve a ação, o que produz a **personagem**, o agente do processo narrativo.

Esta modalidade de texto transita por um fio condutor que leva a uma situação denominada «**clímax**» ou «**nó**», decaindo numa «**resolução**» ou **epílogo**. O segredo da narrativa concentra-se no grau de «**suspense**» criado, bem como no **fecho surpreendente**.

É importante lembrar que a narração pode ser curta ou longa; ter diálogo ou não (o diálogo torna a narração mais dinâmica, pois cria no leitor a sensação

de ouvir as personagens); ter como assunto caso real ou fictício; ser séria, engraçada ou triste. Quem escreve é quem decide como fazer a redação.

Exemplos de narração

1. «Toda a gente tinha achado estranha a maneira como o Capitão Rodrigo Cambará entrara na vida de Santa Fé. Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas. Devia andar lá pelo meio da casa dos trinta, montava um alazão, trazia bombachas claras, botas com chilenas de prata e o busto musculoso apertado num dólma militar azul, com gola vermelha e botões de metal. Tinha um violão a tiracolo; sua espada, apresilhada aos arreios, rebrilhava ao sol daquela tarde de outubro de 1828 e o lenço encarnado que trazia ao pescoço esvoaçava no ar como uma bandeira. Apeou na frente da venda do Nicolau, amarrou o alazão no tronco dum cinamomo, entrou arrastando as esporas, batendo na coxa direita com o rebenque, e foi logo gritando, assim com ar de velho conhecido:

— Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!

Havia por ali uns dois ou três homens, que o miraram de soslaio sem dizer uma palavra. Mas dum canto da sala ergue-se um moço, que puxou a faca, olhou para Rodrigo e exclamou:

— Pois dê!

Os outros homens se afastaram como para deixar a arena livre, e Nicolau, atrás do balcão, começou a gritar:

— Aqui dentro não! Lá fora! Lá fora!

Rodrigo, porém, sorria imóvel, de pernas abertas, rebenque pendente do pulso, mãos na cintura, olhando para o outro com um ar que era ao mesmo tempo de desafio e simpatia.

— Incomodou-se, amigo? — perguntou, jovial, examinando o rapaz de alto a baixo.

— Não sou de brigas, mas não costume agüentar desaforo.

— Oi bicho bom!

Os olhos de Rodrigo tinham uma expressão cômica.

— Essa sai ou não sai? — perguntou alguém do lado de fora, vendo que Rodrigo não desembainhava a adaga. O recém-chegado voltou a cabeça e respondeu calmo:

— Não sai. Estou cansado de brigas. Não quero puxar arma pelo menos por um mês. — Voltou-se para o homem moreno e, num tom sério e conciliador, disse: — Guarde a arma, amigo.

O outro, entretanto, continuou de cenho fechado e faca em punho. Era um tipo indiático, de grossas sobrancelhas negras e zigomas salientes.

— Vamos, companheiro — insistiu Rodrigo. — Um homem não briga debalde. Eu não quis ofender ninguém. Foi uma maneira de falar...

Depois de alguma relutância o outro guardou a arma, meio desajeitado, e Rodrigo estendeu-lhe a mão, dizendo:

— Aperte os ossos.»

(Érico Veríssimo, *Um certo capitão Rodrigo*)

2. «O fiscal da alfândega não podia entender por que aquela velhinha viajava tanto. A cada dois dias, vinha ela pilotando uma motocicleta e ultrapassava a fronteira. Fora interceptada inúmeras vezes, fiscalizada e nada. O fiscal alfandegário não se conformava com aquilo.

— Que traz a senhora, aí?

— Nada, não, senhor!

A cena, que se repetia com tanta frequência, intrigava o pobre homem.

Não se conteve:

— Não é por nada, não; me faz um favor, dona. Não lhe vou multar, nem nada; é só por curiosidade, a senhora está contrabandeando o quê?

— Seu fiscal, o senhor já desmontou a moto e nada achou, que quer mais?

— Só pra saber, dona!

— Tá bem, eu conto: O contrabando é a moto, moço!»

(adaptado)

3. A BORBOLETA PRETA

A borboleta, depois de esvoaçar muito em torno de mim, pousou-me na testa. Sacudi-a, ela foi pousar na vidraça; e, porque eu a sacudisse de novo, saiu dali e veio parar em cima de um

velho retrato de meu pai. Era negra como a noite. O gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha um certo ar escarninho, que me aborreceu muito. Dei de ombros, saí do quarto; mas tornando lá, minutos depois, e achando-a ainda no mesmo lugar, senti um repelão dos nervos, lancei a mão de uma toalha, bati-lhe e ela caiu.

Não caiu morta; ainda torcia o corpo e movia as farpinhas da cabeça. Apiei-me; tomei-a na palma da mão e fui depô-la no peitoril da janela. Era tarde; a infeliz expirou dentro de alguns segundos. Fiquei um pouco aborrecido, incomodado.

— Também por que diabo não era ela azul? disse comigo.

E esta reflexão — uma das mais profundas que se tem feito, desde a invenção das borboletas — me consolou do maléfico, e me reconciliou comigo mesmo.

(Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 5. ed., São Paulo: Ática, 1975, p.52.)

4. CASTIGO MERECIDO

Numa das suas viagens a São Paulo, o Juventino não pôde conseguir, de forma alguma, um quarto em hotel ou pensão onde pudesse hospedar-se.

Percorreu a cidade toda, e nada! Tudo cheio, completamente lotado.

Finalmente, após longas e infrutíferas caminhadas, resolveu ir para a casa de seu irmão, residente em bairro afastado do centro da grande metrópole.

Pegou a mala deixada na portaria de um dos hotéis em que havia procurado cômodo, tomou um táxi e foi para a casa do parente, certo de ali encontrar o desejado cantinho onde pudesse passar alguns dias.

Chegou e foi bem recebido. Como, porém, a casa era pequena, teve de acomodar-se no mesmo quarto em que dormia um sobrinho de poucos meses. De madrugada, acordou com a bexiga cheia, desesperado por esvaziá-la. Levantou-se, procurou o vaso noturno por todos os cantos e não o encontrou. Para ir até o banheiro, tinha de atravessar o quarto onde dormia o casal, precisaria acender as luzes e, com todo esse movimento, poderia acordar o irmão e a cunhada.

Como fazer, então, para sair daquela aflitiva situação?

Depois de muito pensar, pegou o garoto, passou-o para a sua cama e esvaziou a bexiga ali mesmo no colchãozinho do berço...

Aliviado, o Juventino, ao pegar outra vez o garotinho para pô-lo novamente no berço, viu que o safadinho havia feito coisa muito pior em sua cama...

(Décio Valente. *Coisas que acontecem...* 1. ed. São Paulo: L. Oren, 1969, p. 66-7.)

Formas de relatar o enunciado

A relação verbal emissor/receptor efetiva-se mediante o que chamamos **discurso**. A narrativa se vale de tal recurso, efetivando o ponto de vista ou foco narrativo.

a) Quando o narrador participa do enredo, é personagem atuante, diz-se que é **narrador-personagem** ou **participante**. Isso constitui o foco narrativo ou **ponto de vista** da primeira pessoa.

Exemplo:

«— *Is this an elephant?* Minha tendência imediata foi responder que não; mas a gente não deve se deixar levar pelo primeiro impulso. Um rápido olhar que lancei à professora bastou para ver que ela falava com seriedade e tinha o ar de quem propõe um problema.»

(*Aula de Inglês*, Rubem Braga)

b) Chamamos **narrador-observador** ao que serve de intermediário entre o episódio e o leitor — é o foco narrativo de terceira pessoa.

Exemplo:

«Os dois cabras se aproximaram sem que ele pressentisse. Eram um alto e um baixo; o baixo, grosso e escuro, vestido numa camisa de algodãozinho encardido. O alto era alourado e não se podia dizer que estivesse vestido de coisa nenhuma, porque era farrapo só. O grosso na mão trazia um couro de cabra, ainda pingando sangue, esfolado que fora fazia pouco. E nem tirou o caco de chapéu da cabeça, nem salvou ao menos.

O velho até se assustou e bruscamente se pôs a cavalo na rede, a escutar a voz grossa e áspera, tal e qual quem falava:

— Cidadão, vim lhe vender este couro de bode.»

(Rachel de Queiroz)

c) Ocorrem casos em que o **narrador** é classificado como **onisciente**, pelo fato de dominar o lado psíquico de seus personagens, antepondo-se às suas ações, percorrendo-lhes a mente e a alma. Neste particular, Clarice Lispector destaca-se brilhantemente.

Exemplo:

«Na rua vazia as pedras vibravam de calor — a cabeça da menina flamejava. Sentada nos degraus de sua casa, ela suportava. Ninguém na rua, só uma pessoa esperando inutilmente no ponto de bonde. E como se não bastasse seu olhar submisso e paciente, o soluço a interrompia de momento a momento, abalando o queixo que se apoiava companheiro na mão... Na rua deserta nenhum sinal de bonde. **Numa terra de morenos, ser ruiva era uma revolta involuntária.**

Se num dia futuro sua marca ia fazê-la erguer insolente uma cabeça de mulher? Por enquanto ela estava sentada num degrau faiscante da porta, às duas horas. O que a salvara era uma bolsa velha de senhora, com alça partida. Segurava-a com um amor conjugal já habituado, apertando-a contra os joelhos.»

(Clarice Lispector)

Formas do discurso

1. O DISCURSO DIRETO **constitui a técnica do diálogo**. É a personagem em atividade, animizada, falando. Estrutura-se, normalmente, com a precedência de dois-pontos e inicia-se após um travessão.

«... Botou as mãos na cabeça e a boca no mundo:

— Nossa senhora, meu patrãozinho me mata!»

(Fernando Sabino)

2. O DISCURSO INDIRETO caracteriza-se pelo emprego da subordinação sintática, impedindo a fala da personagem. «D. Evarista ficou aterrada. Foi ter com o marido, **disse-lhe que estava com desejos.**»

(Machado de Assis)

3. O DISCURSO INDIRETO LIVRE é uma mescla do discurso direto com o indireto, proporcionando um movimento interno da fala, o **monólogo interior.**

Observe o fragmento:

«Sinhá Vitória falou assim, mas Fabiano franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cavalos, que lembrança! Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando».

(Graciliano Ramos)

Dissertação

Dissertar é tratar com desenvolvimento um ponto doutrinário, um tema abstrato, um assunto genérico. Ou seja:

Dissertar é expor idéias em torno de um problema qualquer.

Consiste na exposição de um assunto, no esclarecimento das verdades

que o envolvem, na discussão da problemática que nele reside, na defesa de princípios, na tomada de posições.

Caracteriza-se a dissertação pela análise objetiva de um assunto, pela seqüência lógica das idéias, quando refletidas e expressas, pela coerência na exposição delas.

A redação expositiva ou dissertação implica uma estrutura organizada em etapas que focalizem o assunto a partir de uma técnica determinada, buscando objetivos precisos.

Portanto: a dissertação **exige reflexão e seleção de idéias.** Exige que se monte um plano de desenvolvimento.

Para reforçar esta necessidade, vale a pena transcrevermos algumas linhas de Buffon:

«É pela ausência de plano, é por não ter refletido bastante sobre o assunto, que um homem de talento se sente embaraçado, não sabendo por onde começar a escrever. Entrevê, ao mesmo tempo, grande número de idéias; e como não as **comparou,** nem **subordinou,** nada o obriga a preferir umas às outras; fica, pois, perplexo. Mas, quando **tiver esboçado um plano,** quando tiver reunido e **posto em ordem** todos os pensamentos essenciais ao seu assunto, sentirá o ponto de maturação da produção do espírito, apressar-se-á a fazê-lo desabrochar e terá prazer em escrever.

Para escrever bem, é preciso, portanto, estar plenamente senhor do seu assunto; **é preciso refletir bem nele,**

para ver claramente a ordem dos pensamentos e formular deles uma seqüência, uma cadeia, em que cada ponto representa uma idéia».

Convém certo domínio de conhecimento do assunto, cultura apreciável e, sobretudo, domínio das estruturas sintáticas mais elaboradas, do período composto por subordinação. As orações reduzidas de infinitivo, participio e gerúndio constituem excelente material.

⇒ Este é o tipo de redação pedido (ou esperado) pela maioria dos vestibulares do Brasil ou dos Concursos Públicos.

E, infelizmente, desde as primeiras redações primárias até as colegiais, a redação preferida, pela necessidade de se incentivar a criatividade, foi a **Narração**. Contamos sobre piqueniques, passeios, viagens, excursões...; contamos o real, o imaginário, o verossímil...; passamos do infantil ao trágico; seguimos, enfim, por caminhos que a nossa imaginação e potencialidades nos levaram e, em matéria de redação, paramos aí.

O discutir assuntos, o criticar situações, o propor soluções sempre o foram muito distantes de nossa realidade. A juventude, hoje, mais do que nunca, alienou-se em páramos de um mundo sem problemas. Ela não participa, ela não sente, ela não reage, ela não discute, normalmente não entende, e... por isso, não escreve; quando o faz, **as paráfrases** fazem-se presentes também.

A dissertação baseia-se em três partes fundamentais:

Introdução — parte em que se apresenta o assunto a ser questionado; o **desenvolvimento** — parte em que de se discute a proposta e, por último, a **conclusão** — em que se toma posição relativamente à proposta.

Normalmente os vestibulares pedem que se disserte em 25 ou 30 linhas, no máximo, o que nos faz sugerir parágrafos de 5 ou 6 linhas.

A sermos coerentes, é necessário entre os parágrafos, correlação. Isto é, o assunto deve ser criteriosamente distribuído.

Resumindo:

É uma seqüência de juízos, de considerações, de reflexões sobre algum assunto, a partir do que estabelece uma opinião.

Para quem vai fazer uma dissertação é importante:

- a) examinar o tema, entendê-lo e relacioná-lo a alguma situação conhecida;
- b) anotar as idéias (argumentos favoráveis e contrários) que conseguir sobre o tema;
- c) decidir a posição (favorável ou contrária) que vai defender;
- d) fazer um rol do vocabulário (elenco de palavras) que se refere ao assunto;
- e) rascunhar a dissertação a partir do tema, com rápida introdução em que podem aparecer dados históricos, opiniões gerais;

- f) apresentar os argumentos, começando pelos mais simples, já atacando os contrários e enaltecendo os favoráveis;
- g) concluir o trabalho, à vista dos argumentos, com a posição que está defendendo;
- h) revisar o texto:
 - eliminando o que for supérfluo ou ineficaz, como repetições, frases que pouco dizem (e que, portanto, não fazem falta);
 - alterando, se preciso, a ordem dos argumentos;
 - corrigindo os erros de concordância, de regência, de pontuação, de ortografia, de acentuação;
- i) rever o texto, analisando-o como supõe que o examinador o analisará e, se necessário, modificá-lo;
- j) passar a limpo, lembrando-se de que nenhum examinador gostaria de ter de decifrar a letra.

Exemplos de dissertação

Os meios de comunicação de massa devem alterar, nas próximas duas ou três décadas, uma boa parte da fisionomia do mundo civilizado e das relações entre os homens e povos. A educação, mola mestra deste impulso irresistível, é modernizada dia a dia a fim de suprir as novas necessidades que se multiplicam, adaptando o homem contemporâneo ao chamado das estrelas, que ele já não se satisfaz em contemplar.

O marco divisório entre os dois mundos, o que avança destemido e o que marca passo no círculo de giz de suas estruturas arcaicas e tradicionais, é, sem dúvida nenhuma, a educação. É ela que, ao produzir tecnologia, encaminha as soluções permanentes concebidas em nível de magnitude. Por isso mesmo, é a matéria-prima prioritária, o elemento deflagrador do progresso rápido. Terá de ser encarada com imaginação e empenho, pré-requisito que exige a participação imediata e fecunda da vontade nacional.

Muitas nações subdesenvolvidas já despertaram para a ampla sementeira educacional. O fato de pensar-se na educação como meio de desenvolvimento já constitui um sistema de desenvolvimento, uma atitude para o desenvolvimento. Nem todas, porém, lograram ainda preencher o hiato entre o desejo e a vontade de se desenvolverem.

O hiato persiste sob a forma de uma mentalidade rançosa, impermeável às mudanças. E, quando o influxo reformista vence barreiras e busca implantar-se, defronta quase sempre a falta de organização e os condicionamentos superados.

Só a esperança não basta; é preciso a consciência.

(Jornal do Brasil, 23/11/69)

1. NASCEM OS HOMENS IGUAIS

Nascem os homens iguais; um mesmo, igual princípio os anima, os conserva, e também os debilita, e acaba. Somos organizados pela mesma forma, por

isso estamos sujeitos às mesmas vaidades. Para todos nasce o Sol; a aurora a todos desperta para o trabalho; o silêncio da noite anuncia a todos o descanso. O tempo que insensivelmente corre, e se distribui em anos, meses e horas, para todos se compõe do mesmo número de instantes. Essa transparente região a todos abraça; todos acham nos elementos um patrimônio comum, livre, e indefectível; todos respiram o ar; a todos sustenta a terra; as qualidades da água, e do fogo, a todos se comunicam. O mundo não foi feito mais em benefício de uns, que de outros, para todos é o mesmo; e para o uso dele todos têm igual direito; ou seja pela ordem da natureza, ou seja pela ordem da sua mesma instituição; todos achamos no mundo as mesmas partes essenciais. Que cousa é a vida para todos mais do que um enleio de vaidades, e um giro sucessivo entre o gosto, a dor, a alegria, a tristeza, a aversão, e o amor?

(Matias Aires. *Reflexões Sobre a vaidade dos homens, ou discursos morais sobre os efeitos da vaidade*. 9. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1953, p. 117-8.)

2. A PÁTRIA

Um célebre poeta polaco, descrevendo em magníficos versos uma floresta do seu país, imaginou que as aves e os animais ali nascidos, se por acaso longe se achavam, quando sentiam aproximar-se a hora da sua morte, voavam ou corriam e vinham todos expirar à sombra das árvores do bosque imenso onde tinham nascido. O amor da pátria não pode ser explicado por mais bela e delicada imagem. Coração sem amor é um campo árido, quase sempre, ou sem-

pre, cheio de Espinhos e sem uma única flor que nele se abra e amenize. Haveria somente um homem em quem palpitasse coração tão seco, tão enregelado e sem vida de Sentimentos: o homem que não amasse o lugar de seu nascimento. Depois dos pais, que recebem nosso primeiro grito, o solo pátrio recebe os nossos primeiros passos; é um duplo receber, que é duplo dar. As idéias grandes e generosas dilatam o horizonte da pátria; a religião, a língua, os costumes, as leis, o governo, as aspirações fazem de uma nação uma grande família, e de um país imenso a pátria de cada membro dessa família. Mas, deixem-me dizer assim, a grande não pode fazer olvidar a pequena pátria; dessa árvore que se chama a nação, o país, não há quem não sinta que a raiz é a família e o berço a pátria.

(Joaquim Manuel Macedo. Apud Oliveira, Cleófano de. *Flor do Lácio*. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 1961, p. 287.)

Objetividade x Subjetividade

Ao expor um problema, ao discutir um assunto, você pode agir de duas maneiras: objetiva ou subjetivamente.

Objetivamente, se a exposição do assunto se apresentar impessoal, marcada pela presença do raciocínio e da lógica universal — quando o assunto for abordado e discutido de maneira genérica, com idéias e posicionamentos que pudessem ser aceitos por todos, ou por uma maioria.

Essa redação tem por finalidade básica **instruir e/ou convencer o lei-**

tor. As idéias e o modo de se analisar e enfocar os problemas são pessoais, mas a colocação disso tudo dentro da redação deve ser impessoal: **verbo na 3ª pessoa ou na 1ª do plural** — afinal, **Nós não sou eu**, mas... somos todos.

Subjetivamente, caso predomine, na exposição das idéias, suas próprias opiniões, sua maneira pessoal, particular de ver e encarar as coisas. Esta modalidade depende essencialmente do tema dado, que deve estar próximo da subjetividade. De um modo geral, ela deve ser evitada por aproximar-se demasiadamente da narração, por meio dos seus subtipos, como a crônica, por exemplo.

Na redação subjetiva, procura-se, antes de tudo, angariar a simpatia do leitor com relação ao exposto. Daí que, para fazê-lo, baseamo-nos essencialmente em nossas opiniões, no nosso modo particular de ver as coisas, no nosso pensar em relação aos fatos, deixando transparecer, o mais das vezes, um tom confessional, pontilhado de emoções e sentimentalismos: **verbo na 1ª pessoa do sing. — EU**.

O ideal seria que se unissem num só os dois modelos, escrevendo, num tom impessoal, idéias efervescentes de características emotivas que pudessem tocar o leitor, derrubando-o do seu papel tirano de riscar, corrigir, apontar defeitos: **afinal, ele é «gente como nós»**.

⇒ **Observação:**

Nem sempre a descrição, a narração e a dissertação aparecem em **«estado puro»**. É perfeitamente possível, aliás

é o normal, **que dentro de uma surjam aspectos das outras**. O seu entrosamento é normal, malgrado se conservem sempre a essência e as particularidades de cada uma, pois, se assim não o fosse, não saberíamos identificá-las.

Exemplos:

Texto Subjetivo

«Nunca será tão domingo como aqui, e domingos e domingas de eternidade se concentram em vigorosa dominicalização. Não acontecer nada, que beatitude! Deixar o mato crescer — mas o próprio mato foge à obrigação, e goza o domingo. Lá estão o touro zebu e seu harém de nobres e modestas vacas — porque o zebu alia à majestade indiana a placidez das Minas, e boi nenhum se fez tão mineiro quanto esse, e bicho nenhum é tão mineiro quanto o boi, em seu calado conhecimento da vida, sua participação no trabalho. O rebanho amontoa-se em círculos, algumas reses em pé, outras deitadas, chifres cumprimentando-se sem ruído. Parece um só boi espalhado, maginando. Com o pincel do rabo, executa o milenar movimento de repelir a mosca, sei que não o pratica pelo prazer de abanar-se. Mas há bois esparsos, bois solitários, que se postam junto a árvores, aparentemente recolhidos; ou fitam o carro que levanta poeira sobre a poeira habitual, e ruminam não sei que novelas de boi.»

(Carlos Drummond de Andrade)

Texto Objetivo

«As casinhas eram alugadas por mês e as tinas por dia: tudo pago adi-

antado. O preço de cada tina, metendo a água, quinhentos réis, sabão à parte. As moradoras do cortiço tinham preferência e não pagavam nada para lavar.

Graças à abundância da água que lá havia, como em nenhuma outra parte, e graças ao muito espaço de que se dispunha no cortiço para estender a roupa, a concorrência às tinas não se fez esperar; acudiram lavadeiras de todos os pontos da cidade, entre elas algumas vindas de bem longe. E, mal vagava uma das casinhas, ou um quarto, um canto onde coubesse um colchão, surgia uma nuvem de pretendentes a disputá-los.»

(Aluísio Azevedo)

As partes da redação — Estrutura

Classicamente, uma redação deve constar de três partes:

- I — Introdução
- II — Desenvolvimento
- III — Conclusão

I. Introdução

Introduzir significa «levar para dentro». Na introdução, portanto, conduzimo-nos para dentro do tema, do assunto.

A introdução apresenta a idéia que vai ser discutida (tópico frasal), nada lhe acrescentando.

Ela é muito importante. Sendo o contato inicial do leitor com o texto, deve atraí-lo, despertar-lhe o interesse. Assim, deve ser objetiva e simpática. E, sobretudo, não pode ser longa. Normalmente um ou dois períodos.

O tópico frasal pode se apresentar de várias formas: uma declaração, uma pergunta, uma divisão, uma citação... Ao desenvolvê-lo, é preciso ser o mais objetivo possível, evitando-se divagações inúteis.

Enfim, na introdução, o importante é falarmos no **tema** da redação, mesmo que (ou até obrigatoriamente às vezes) tenhamos de usar as suas palavras, ou parte delas.

Lembre-se: **a redação começa na linha (1) e não no tema ou no título**, não havendo desta forma repetição; pois, como repetir o que ainda não foi dito?

II. Desenvolvimento

É o corpo da redação. Sua parte principal. É aqui que aparecem **as idéias, os argumentos, a originalidade**. A introdução corresponde à tese. O desenvolvimento vem a ser o debate da tese. É a parte mais longa. O corpo sempre há de ser maior que a cabeça e os pés. Sob pena de termos uma aberração!...

Apresenta cada um dos argumentos **ordenadamente**, analisando detidamente as idéias e exemplificando de maneira rica e suficiente o pensamento.

O desenvolvimento será a parte mais longa da redação, mas não necessariamente a mais confusa, complicada e ininteligível. E isso é o que acontece, normalmente, quando não se faz uma seleção de idéias prévia, quando não se sabe o que escrever antes de começar a escrever. Bem se diz: «**só comece a escrever depois que você souber, com certeza, quais as idéias, aquilo que e sobre o que você vai escrever**».

Não há necessidade de muitas idéias (e normalmente nem espaço para isso). O importante é que, mesmo sendo poucas, as idéias sejam correta e objetivamente expostas. Não se deve cansar o leitor com um milhão de argumentos diferentes, nem com períodos longos e maçantes que, fatalmente, resultam confusos.

Nas redações entre 15 e 18 linhas, o desenvolvimento deve ocupar um ou dois parágrafos (com vários períodos dentro deles). Nas redações com número de linhas entre 20 e 25, o número de parágrafos no desenvolvimento gira em torno de 3 ou 4.

III. Conclusão

É o acabamento da redação. E, se não se deve iniciar «abruptamente» a redação, também não se pode acabá-la de súbito.

A conclusão resume todas as idéias apresentadas e discutidas no desenvolvimento, tomando uma posição sobre o problema apresentado na introdução.

Portanto, é a **comprovação** da tese levantada na Introdução e discutida no desenvolvimento.

Ela é, a princípio, retirada da melhor idéia que achamos ter no momento da reflexão inicial sobre o tema. É a nossa posição em face de um problema qualquer, a sua solução, ou a projeção futura de conseqüências que advirão caso não sejam tomadas as medidas que achamos necessárias (e que devem ter sido citadas no desenvolvimento da redação).

A conclusão não deve ser muito longa, a exemplo da introdução, e deve ocupar, também, somente um parágrafo (ao contrário da introdução, pode ter mais do que um período).

⇒ Observação:

Principalmente nos contos e nas crônicas, a conclusão, o «fecho», pode ser imprevisto e absolutamente desligado daquilo para que se vem conduzindo o leitor. E nisso está o seu valor. É claro que isso não cabe às **dissertações**, aos temas abstratos. É próprio para a **narração**.

Exemplo:

PARA LER... E VERIFICAR!

Veja a seguir um exemplo de dissertação, com suas partes respectivas, e os comentários — ao final — sobre cada uma delas.

A PAZ E A GUERRA

«Há ideologias que pressupõem seja o homem um ser naturalmente inclinado à guerra, essencialmente agressivo. São idéias fundamentadas na teoria

da evolução, nos conceitos de luta pela existência, em que o mais forte ocupa as altas posições econômicas e políticas.

No entanto, estas concepções são completamente contrárias à tendência evolucionária humana, que retrocede não só até a evolução em nível animal, mas também ao mais baixo nível de luta animal. Nem mesmo os carnívoros se alimentam uns dos outros, como o homem competitivo devora os rivais.

Nenhum futuro evolucionário espera o homem que segue este caminho. A luta competitiva não deixará sobreviventes. Mesmo que se limite a uma guerra econômica, só pode acabar em contenda social, em crises de desemprego, em apuros financeiros e num fracasso quanto à utilização dos recursos do mundo da maneira mais completa e eficiente.

Fora de uma atitude mútua de colaboração social e da produção voltada e planejada para o consumo, não há solução para tais dificuldades. Enquanto se mantiverem as condições atuais, o homem sentir-se-á agressivo, estará preparado para assegurar seu próprio bem-estar à custa do próximo.

Esta, contudo, não é a natureza do homem, e sim a natureza do homem em nível subumano. Se o colocarmos em condições de trabalho realmente humanas, tendo em vista o bem comum, sua natureza tornar-se-á mais humana, mais cooperativa, e seu futuro estará assegurado. Se fracassarmos neste propósito, seu futuro será a guerra e a destruição.»

(John Lewis, *O homem e a evolução*)

Comentários:

Notamos que o assunto se desenvolve em torno de uma idéia-núcleo que está expressa no trecho: «No entanto... baixo nível de luta animal» (segundo parágrafo). Esta idéia-núcleo traduz o pensamento geral do autor em face da problemática sugerida pelo título, além de lançar uma idéia discordante daquela apresentada na introdução (primeiro parágrafo).

Nos parágrafos seguintes (segundo e terceiro), o autor confirma e justifica os princípios expostos em sua tese, utilizando o recurso dos exemplos (quatro últimas linhas do terceiro parágrafo) que reforcem a idéia assumida no decorrer da sua argumentação e apresentando soluções aos impasses que denuncia (quatro primeiras linhas do quarto parágrafo). Ao aproximar-se da conclusão do trabalho, o autor prepara o seu término com um retorno às idéias da introdução (três últimas linhas do quarto parágrafo). Na etapa conclusiva, expressa no parágrafo final, o autor sintetiza a idéia-núcleo desenvolvida no decorrer da dissertação, e o assunto é encerrado de forma taxativa e enfática.

O esquema de idéias desta dissertação poderia ter seguido o roteiro que passaremos a apresentar:

I — Introdução:

- a) Segundo a teoria da evolução, o homem é naturalmente agressivo e deve competir para viver.
- b) Desta competição, sairá vencedor o mais forte e o mais importante.

II — Desenvolvimento:

- a) Na luta competitiva, o homem retrocede ao mais baixo nível animal.
- b) A competição entre os homens acabará por destruir a civilização e as possibilidades de progresso.
- c) A única solução: colaboração social e produção voltada e planejada para o consumo.

III — Conclusão:

- a) O futuro do homem assegurado: condições realmente humanas de trabalho.
- b) Perdurando a atual situação: o homem destruir-se-á.

Qualidades básicas da redação

Unidade + Coerência + Ênfase

Observando o estilo da dissertação anterior, veremos que ela apresenta as **três qualidades necessárias** a um bom texto escrito: **unidade, coerência e ênfase**.

A **unidade** reside no fato de que o autor se fixou em uma só idéia central no decorrer de sua argumentação; em todos os parágrafos as idéias se sucedem em ordem seqüente e lógica, todas completando e enriquecendo a idéia-núcleo. Não houve pormenores desnecessários, nem redundâncias, o que pode atestar o esquema anteriormente traçado.

A **coerência** reside na associação e correlação de idéias dentro do período e de um parágrafo a outro. A conexão

entre as palavras é feita pela organização do pensamento no que se refere ao conteúdo e pelas partículas de transição que unem as idéias, tais como as expressões «no entanto», «contudo», ligando parágrafos, e conjunções, ligando as idéias dentro do período.

A **ênfase** consiste no fato de a idéia-núcleo estar colocada em lugar de destaque, ocupando um parágrafo inteiro e aparecer reforçada em subidéias no final do segundo e quarto parágrafos, e totalmente destacada da conclusão. A ênfase à idéia principal é conseguida por meio do uso de expressões fortes e eloqüentes, tais como «nível animal», «homem competitivo devora os rivais» (segundo parágrafo), «nível subumano», «a guerra e a destruição» (último parágrafo) e muitas outras igualmente enfáticas.

Montagem da redação

I. O visual ⇒ estética

Quando, ao entrar na casa de alguém, você a encontra na mais completa confusão, sujeira por todos os lados: os pratos de não sei quantos almoços disputando lugares com as painéis; as crianças com roupas sujas, o rosto lambuzado, o nariz a escorrer; o cheio de bolor e gordura a envergonharem seu desodorante; qual a sensação que tem?

— De desleixo, de sujeira, certamente!

Sentirá acaso vontade de ali permanecer, ficar para o jantar, pegar ao colo uma criança?

— Seguramente não!

E, entretanto, a coisa muda de figura se a casa visitada é asseada, as crianças cuidadosas com a roupa e o trato, o ar agradável a lembrar-lhe a sua própria casa, enfim, causa-lhe «boa impressão». Pode até sentir o suco gástrico manifestando-se apesar de ter devorado succulenta refeição há bem pouco tempo.

Com a redação também é assim! O impacto (bom ou mau) que nos causa é muito importante.

Lembre-se: o BELO é um padrão nato e instintivo em nós. E não há beleza onde não houver ordem e limpeza.

Estes são os elementos que compõem a estética da redação, concorrendo para um melhor visual e correção:

1) Título/Tema

a) Todas as iniciais do título, menos das palavras de pouca extensão, como preposições, artigos, conjunções etc., com exceção do primeiro, devem ser maiúsculas:

A Missão Social do Advogado

A Vida no Planeta dos Macacos

Ou

b) Maiúscula inicial apenas na primeira palavra, seja ela artigo, preposição etc.

A missão social do advogado

A vida no planeta dos macacos

Ou

c) Todas as palavras com maiúsculas (letra de forma).

A MISSÃO SOCIAL DO ADVOGADO

A VIDA NO PLANETA DOS MACACOS

⇒ **Observação:**

Coloca-se o título apenas nas folhas de redação em que ele não esteja previamente grafado, ou nas folhas de redação que não estejam previamente numeradas. **A linha do título e as duas (ou três) linhas que se deixam em branco antes do primeiro parágrafo não devem ser contadas.** A redação começa na linha um, ou seja, no primeiro parágrafo.

2) Use ponto final nos títulos, em se tratando de **frase ou citação** somente. Os temas de redação normais não levam ponto final.

3) Entre o título e o contexto, **deixe uma duas ou três linhas** ou espaço equivalente.

⇒ **Observação:**

Estes três primeiros itens se referem aos vestibulares que solicitam que o vestibulando dê um título para a sua Redação.

4) Os parágrafos devem adentrar à linha uns dois centímetros e iniciarem-se, todos, à mesma altura.

São fundamentais à redação, pois constituem o visual prático da estrutura redacional, apontando as três partes obrigatórias num texto dissertativo: a introdução, o desenvolvimento e a conclusão.

O número de parágrafos é variável conforme a extensão exigida para a redação. Nas redações dissertativas, o **mínimo obrigatório é de três parágrafos**; o máximo depende da quantidade de linhas pedidas. Sugere-se que os parágrafos contêmham em torno de cinco linhas cada.

5) Separar as diferentes idéias em parágrafos distintos, guardando-lhes a devida conexão. As idéias que se relacionam mais intimamente, que se unem por um mesmo fio de ligação lógica devem ficar no mesmo parágrafo, ainda que em diversos períodos.

Porém, toda vez que se mudar o fio do raciocínio, sempre que se passe para uma nova idéia que não tenha relação tão íntima com a anterior, deve-se iniciar linha nova. Portanto, novo parágrafo.

Apenas o **parágrafo inicial pode ser constituído por um período** (ou dois) somente. **Os demais parágrafos** (os do desenvolvimento) devem ter vários períodos; portanto, vários pontos finais.

6) **Não rasurar a redação.** A redação suja, borrada dará ao avaliador uma primeira impressão negativa, que dificilmente será apagada, por melhor que se apresentem o conteúdo e a correção.

A maioria quase que absoluta dos vestibulares oferece oportunidade e lugar para se fazer a redação, preliminarmente, no rascunho. Assim sendo, a rasura na versão definitiva não pode ser explicada nem perdoada; ou o aluno não fez rascunho (e isso é imperdoável), ou o fez, mas não aprendeu ainda nem a fazer o primário trabalho de cópia.

O borrão não possui um valor de perda específico: não vale menos um, ou menos dois. Ele é negativo na sua essência, no exato momento do seu aparecimento.

7) **Letra** é importantíssimo! Não apenas pelo visual simpático de uma caligrafia, mas por representar a própria redação. **A legibilidade** é o item a que todos os vestibulares fazem referência específica: alguns poucos especificam também o tipo de letra.

A realidade é que a **ilegibilidade é item anulatório da redação**. E não é necessário chegar-se a extremos para que se caracterize a ilegibilidade. **Letra feia, em redação, é pecado**. De que adianta alguém escrever bem, escrever substanciosa, estilística e semanticamente com letra que ninguém entenda? Ou ainda com letra que, para ser entendida, são necessárias a releitura e a adivinhação? Para os que têm letra feia, a saída é o **treinamento de caligrafia** (aliás, este caderno não é para crianças, como muitos pensam, mas para quem possui letra feia) ou a **letra de forma**.

II. Lado interno ⇒ correção

Ao se compor uma redação, devem ser levadas em consideração as qualidades básicas que a habitam e a distinguem das redações normais. No vestibular, o número de redações ascende aos milhares, e são estas qualidades que vão fazer com que algumas poucas se diferenciem da maioria. São, exatamente, estas as qualidades da redação:

- | | | |
|------------------|---|---------------------|
| 1) correção | } | Forma +
Conteúdo |
| 2) clareza | | |
| 3) concisão | | |
| 4) originalidade | | |
| 5) elegância | | |
| 6) coesão | | |

Para redigirmos bem, é necessário que aliemos à criatividade ou análise de um assunto a correção e adequação de linguagem. Não basta elaborar uma idéia importante. É preciso saber expressá-la com acerto e propriedade. O estilo na redação é representado pela clareza, unidade, ênfase e coerência que devemos imprimir aos recursos lingüísticos que traduzam nossos pensamento. Estes aspectos já foram referidos anteriormente em nosso trabalho. Outros elementos são importantes na expressão escrita e dizem respeito também ao estilo. São aqueles que influem decisivamente na elaboração de uma linguagem escrita correta, adequada e harmoniosa, alcançada não só por meio de recursos (leitura, vocabulário, interpretação de textos, conhecimento de tipos de composição), mas também pelo conhecimento de fatos gramaticais que **ordenam, disciplinam e sistematizam nossa língua.**

1. A correção

É a ausência de **erros**. Consegue-se com a observância das normas da Gramática. Para que serve a Gramática? — Exatamente para ensinar-nos a escrever corretamente! Você tem de pôr em prática aquelas regrinhas todas!...

Há erros, no entanto, que pesam mais na avaliação de uma redação. Há aqueles que deixam o avaliador de tal forma indisposto que...

Quais são os piores erros?

Vamos lá:

a) **de concordância:** Esse negócio de sujeito no plural e o verbo no singular é dose! Portanto, muito cuidado! Procure o sujeito de cada verbo e veja se há correspondência. Sobretudo tenha cuidado quando, na oração que você escreveu, ocorre partícula «SE», verbos impessoais como «HAVER», «FAZER» etc. E para errar concordância nada melhor do que fazer **períodos longos** ou utilizar a **ordem inversa**. Escreva idéias simples em períodos simples, portanto curtos.

b) **de regência:** Se você usar verbo de regência problemática (aqueles que você estudou, como assistir, querer etc.), cuide da regência. Se você não tem certeza da regência de um verbo, não o use. Substitua-o por sinônimo. O problema mais freqüente de regência em uma redação ou carta, ofício etc. diz respeito ao emprego das formas oblíquas «O» e «LHE». A norma é:

— «O» só para objeto direto (com verbo transitivo direto);

— «LHE» só para objeto indireto ou com valor de possessivo.

CUIDADO:

Nada de: «ele lhe viu», «eu o quero muito bem», «ele assistiu o filme».

c) **de colocação:** Se é verdade que este tópico não precisa chegar ao requinte, também é verdade que não se tolerarão os exageros dos modernistas eufóricos. Assim:

— Nunca comece oração com oblíquo átono: **Me** levaram dali para um lugar escuro e misterioso. Te deram o recado? etc.

— Lembre-se de que **não, nunca, que, porque, quando, enquanto, se, para que** etc. exigem oblíquo **antes do verbo!**

— Jamais coloque o oblíquo depois de participio: Vocês tinham levantado-se mais cedo.

— **Depois de vírgula** (ou qualquer outra pontuação) não se deve colocar pronome oblíquo (a não ser que sejam vírgulas de encaixe, como por exemplo: Nunca, mesmo nos piores momentos, lhe pedimos ajuda.)

d) **de grafia:** Erro ortográfico, sobretudo em palavras comuns, de uso cotidiano, não se admite. Coisas do tipo de «ância, pêcego, talvez, xegar». E escrever «**exepcional**» em vez de «**excepcional**» é sem comentários...

Se você não sabe escrever uma palavra, EVITE-A!

Troque-a por sinônimo! E cuidado com os acentos gráficos!

⇒ **Lembre-se:** em caso de dúvida, não use a palavra, coloque outra da qual você tenha certeza da grafia. Afinal, na sua redação, quem manda é você... mas, nos

seus erros... bem, estes são de domínio público e de dívida ativa: **custam caro!**

2. A clareza

Consiste na transmissão mais compreensível do pensamento. Quem escreve (como quem fala) deve fazer-se entendido da melhor maneira possível.

A **concisão** concorre muito para a clareza. Para obter-se clareza, além da concisão, cumpre:

a) Para escrever claro é preciso pensar claro. Antes de começar a escrever, **medite sobre o tema**, reúna idéias, coloque-as de modo coerente. Só comece a escrever depois que você souber o que vai escrever!

Daí a importância de um **esquema** e do **rascunho**.

b) **Frases curtas:** períodos longos fatalmente resultam confusos.

c) **Empregar a palavra precisa:** só empregue palavras simples, de cujo significado você tem certeza. Não queira esnobar porque o esnobado poderá ser você!

d) Evitar a **ambigüidade**, que é a possibilidade de mais de um sentido em uma oração.

Ex.: «José mandou dizer a Pedro que só trataria daquele negócio no seu escritório». No escritório de quem?

No dele, José, ou no de Pedro? Isso é ambigüidade.

Clareza é qualidade; obscuridade, defeito.

3. A concisão

Consiste no expressar os aspectos, fatos ou opiniões com o menor número de frases ou palavras.

Portanto, empregam-se apenas as palavras que são indispensáveis à compreensão da mensagem. Em um texto, o que não é indispensável constitui prolixidade.

Concisão é qualidade; prolixidade, defeito.

Mais uma vez aparece aqui a **necessidade do rascunho**. Devemos escrever segundo o fluxo de idéias que nos vêm à mente, sem grandes preocupações com a concisão. Pronto o rascunho, devemos submetê-lo a rigoroso crivo analítico, cortando tudo aquilo que não faça falta nem imprima vigor.

Naturalmente, só se considera qualidade aquilo que não prejudica as demais qualidades. O excesso de concisão redundante em obscuridade e desarmonia.

No texto seguinte, o que vem destacado pode sair. Em saindo, o texto fica conciso e ganha vigor.

«Em uma certa noite eu saí de minha casa para dar um giro para espairecer. Fui até à casa de um amigo meu. Vejam vocês que eu não tinha nenhum plano traçado, e algo sensacional, que eu não esperava, me aconteceu...»

De grande valia para obter-se a concisão é a figura da ELIPSE: omissão de palavras facilmente subentendíveis.

Ex.: Tu tens toda a razão.

Tens toda razão.

Nós batemos três vezes.

Dentro não havia ninguém. Batemos três vezes. Dentro, ninguém.

Se não recorremos à elipse, muitas vezes, poderemos cair na **redundância**, que é a repetição inútil e erro imperdoável.

4. A originalidade

Consiste em apresentar os aspectos, fatos ou opiniões de modo pessoal, sem imitação de processos ou particularidades alheios. Na originalidade, está a **criatividade**. Pode revelar-se tanto nas idéias como nas expressões.

Idéias originais são idéias próprias?!...

Mas quem é original? O que pensamos ou o que dizemos que outro antes de nós não tenha dito ou pensado? Certamente que a originalidade pertence aos gênios.

De um estudante, não se pode exigir originalidade, exige-se, isto sim, que fuja ao **vulgar**, ao **lugar-comum**, ao **«clichê»**: aquilo que todo mundo diz.

Para isso o fundamental é escrevermos diferenciados do linguajar comum. Escrever como se fala é cometer uma série de erros; daí que a **originalidade** no vestibular fica, **realmente**, por conta da **correção**. **Será original aquele que escrever corretamente**.

5. A elegância

Exigir elegância na redação de um vestibulando já é pedir demais. Vamos deixar isso para os grandes escritores e para as meninas... Para os vestibulandos, basta o cuidado com o visual da redação. **A limpeza, os parágrafos, a letra bonita, isso é elegância em redação.**

6. A coesão

Um texto coeso é aquele em que as partes se relacionam entre si de modo claro e adequado, criando um todo com sentido, que pode ser captado pelo leitor. E como se faz um texto coeso? Usando-se corretamente os instrumentos da língua (usar artigos e pronomes que concordem com os nomes a que se referem, combinar os tempos verbais de modo lógico etc.) e observando se há relações de sentido entre as frases, que unidas entre si transmitem de modo claro uma informação, uma opinião, uma mensagem.

Montagem dos esquemas

Seleção e organização das idéias na redação

Uma vez determinado o assunto sobre o qual iremos escrever, é necessário um momento de reflexão em torno dele e da disposição que daremos às idéias a serem utilizadas. Para isso, é necessário traçar de antemão um plano, ou seja, um **esquema**.

As qualidades essenciais desse plano devem ser as mesmas utilizadas para

a feitura da Redação, ou seja: Unidade, Coerência e Ênfase.

Esta tomada de posição se concretiza com o lançamento no papel dos **tópicos de exposição**, das idéias a serem desenvolvidas, por meio de **expressões rápidas e abreviadamente indicativas**, articuladas entre si.

O **esquema** auxilia e encaminha o trabalho. É um ponto de referência, sempre sujeito a reduções, interpolações e alterações.

Assim, do esquema passa-se ao rascunho; deste, para a redação propriamente dita, e esta, passada pelo crivo analítico, chega a uma forma definitiva, observadas as diversas qualidades para a sua elaboração.

Tendo o aluno o plano ou roteiro de idéias, poderá dar início a um rascunho, no qual vai expressar, por meio de frases completas e parágrafos bem distribuídos, o assunto que se propõe desenvolver.

Enfrentará, então, problemas de **forma**, porque o **conteúdo**, as idéias foram selecionadas e ordenadas no esquema.

A disposição ordenada das idéias em Introdução, Desenvolvimento e Conclusão é o último estágio do esquema.

Obs.: Reveja o texto «A paz e a guerra» e seus comentários.

A seguir, damos como **sugestão** um modelo de ESQUEMA. Pelo uso, deverá ser modificado, adaptado, ampliado, atendendo, desta forma, ao estilo individual de cada um, suas tendências, enfoques pessoais, abrangência: cada um deve possuir o seu próprio «modelo de ESQUEMA», protótipo que deverá ser conseguido a partir do treino e da prática.

Modelo de esquema

INTROD.	{	1. O quê? Matéria tratada ⇒ assunto ⇒ tema ⇒ ponto de vista ⇒ TESE.
DESENV.	{	2. Por quê? Razão — objetivo. 3. Para quê? Objetivo — finalidade. 4. Causas. 5. Conseqüências. 6. Circunstâncias: como? de que maneira? 7. Analogias = comparações. 8. Prós: argumentos a favor. 9. Contras: argumentos contrários. 10. Análise: situação atual. 11. Síntese.
CONCL.	{	12. Observação: perspectivas. 13. Soluções. 14. Conclusão.

Dissertação: como proceder?

Não há uma receita (ou um método, ou uma técnica) que seja recurso infalível na produção de textos dissertativos. Apresentamos, então, sugestões de atividades que podem ajudar na criação de mensagens dissertativas:

Imagine um vestibulando que tenha de fazer um texto sobre o **menor abandonado**. Como ele pode comportar-se?

1. Anota suas idéias sobre o assunto.
2. Se suas idéias são poucas, pode pesquisar sobre o assunto: buscar dados estatísticos, testemunhos, definições etc.

3. Ao fim dessa pesquisa, terá muitas outras idéias. Poderá anotá-las.

4. Deve delimitar bem seu objetivo: qual é a **tese** ou o **ponto de vista** que quer expor ou defender? De que ângulo, de que perspectiva quer tratar o assunto? Respondendo a essas perguntas, estará definindo o tema de seu texto. Pode resumir o que pretende:

O que quero dizer sobre o menor abandonado pode ser resumido na frase:

.....
.....
.....
.....

Ele tem uma lista de idéias anotadas: destas idéias pode destacar a(s) mais importante(s), isto é, aquelas que estão estreitamente ligadas ao tema que escolheu. Serão as idéias centrais (ou nucleares, ou básicas). Outras idéias que ele tenha sobre o assunto: verificará se pode valer-se delas para justificar, ilustrar, comprovar, realçar a(s) idéia(s) básica(s). Serão as idéias de apoio (ou secundárias, ou delimitadoras, ou subordinadas). Fazendo isso, ele está organizando o conteúdo de seu texto. Ele deve lembrar-se de que pode valer-se de muitos recursos, no trabalho de organização de seu texto: analogia, oposição ou contraste, testemunhos, definições, ilustrações, decomposição etc. Ao escolher algum(ns) desse(s) recurso(s), certamente terá novas idéias.

O vestibulando dispõe então de um conteúdo. Esse conteúdo busca uma expressão, para tornar-se texto. Ele deverá estudar agora um plano para seu trabalho. Qual será a disposição de suas idéias nesse plano?

Um texto dissertativo — o vestibulando sabe — pode ter um plano definido em três grandes linhas:

- INTRODUÇÃO
- DESENVOLVIMENTO
- CONCLUSÃO

Exemplos de esquemas

1. Título: «A Televisão no Brasil»

Introdução:

- a. A importância da televisão na formação de uma mentalidade nacional.

- b. Dados históricos da televisão brasileira.

Desenvolvimento:

- a. Os programas de televisão e o patrocínio comercial.
- b. A televisão educativa.
- c. A seleção dos programas e a aceitação popular.
- d. O nível dos programas e o nível cultural do povo brasileiro.

Conclusão:

- a. A situação atual da televisão brasileira.

2. Título: «Educação e Modernidade»

Introdução:

- a. Modernização da Educação: adaptação do homem ao mundo contemporâneo.

Desenvolvimento:

- a. Educação X estruturas arcaicas e tradicionais.
- b. Tecnologia e progresso.
- c. A participação do governo nas promoções e reformas educacionais.
- d. O despertar das nações subdesenvolvidas para o progresso pela educação.

Conclusão:

- a. «A vontade prova-se na ação» (José Ingenieros) — é preciso a consciência da renovação cultural.

b. É preciso reformar a mentalidade avessa às mudanças.

3. Título: «Áreas Verdes»

Introdução:

- O apelo do mundo moderno à preservação das áreas verdes.
- O porquê do desaparecimento das áreas verdes; crescimento populacional, grandes núcleos habitacionais, escritórios, imobiliárias, edifícios por toda a parte.

Desenvolvimento:

- A poluição do ar.
- Os problemas de saúde.
- Tensão e neurose: falta espaço, falta ar, falta beleza.
- Desaparecimento de praças e parques: crianças em apartamentos.
- O protesto: campanhas, acampamentos: a «volta ao natural».

Conclusão:

- A humanidade corrigindo seus próprios erros: a tentativa de preservação e recriação do que está sendo destruído.

Descontraia

O estilo de cada um

Várias pessoas descrevendo um lago, segundo suas profissões:

O ADVOGADO

Aquelas águas meritíssimas se espriavam delituosamente pelas margens. O inocente lago defendia-se assim, legitimamente, da floresta, que à revelia, desembargava suas árvores pelos arredores sem nenhuma apelação. No alto, as montanhas, com suas togas de neve revestindo o cimo.



OMÉDICO

Aquele lago me deixou um diagnóstico. Sua beleza era selvagem como uma crise aguda e suas águas viviam permanentemente em estado comatoso. O vento, como um bisturi, cortava a superfície das águas escarlatinadas pelo mercúrio que cobria todo o céu no pôr-do-sol.



O BUROCRATA

Prezado Sr., quando olhei para o céu, vi nuvens que seguiam anexas atenciosamente por sobre o monte abaixo-assinalado, que, ciente de sua participação na paisagem, pedia deferimento respeitosamente para a floresta, que nestes termos se estendia por todo o vale, refletindo-se nas respeitosas e desde já agradecidas águas do lago.



O «HIPPIE»



Entende... era um negócio legal. Aquele lago muito na sua, curtindo um vale cheio de ervas, sacou? O vento transava pela cuca das árvores no baratinho mais legal, mais

chuchu beleza da paróquia.

O INTELLECTUAL

Não sei se por um fenômeno de aculturação, ou se por um processo de amadurecimento, aquele lago se inseria perfeitamente no contexto da natureza circundante e marginal. Achei muito válida a inserção das árvores, dando uma conotação existencialista ao pluralismo vegetal que ali estava.



Mandamentos de uma boa redação

Ao redigir, é importantíssimo que o candidato não cometa nenhum destes pecados transcritos a seguir, sob pena de padecer, sem indulgências, o inferno de mais um ano de espera!

1. Esnobar.

Mostrar que é «o bom». Complicar. Escrever difícil.

* Não se preocupe em demonstrar cultura e conhecimento excessivos. As coisas realmente boas e valiosas são simples. Os grandes sábios são simples. As «grandes notas» vêm de redações simples.

* Não queira fazer experimentalismos lingüísticos. Não tente neologismos léxicos ou sintáticos.

Use apenas palavras comuns. Sem cair no lugar-comum.

Só recorra a um termo menos conhecido se ele se ajustar melhor no texto do que um termo usual.

2. O palavrão.

Nunca!

3. Criticar a Universidade, as autoridades, as instituições é proibido.

Esse negócio de «meter a lenha» não dá pontos.

Faça a crítica «construtiva»: **mostre os erros e aponte soluções.**

4. Ser negativista.

Em tudo há um lado bom. Procure descobri-lo. Aponte alternativas, saídas. Sugira métodos e maneiras de solucionar as dificuldades e as chagas sociais. A maioria dos temas de vestibulares e concursos versam sobre «**problemas sociais**». Eles querem saber o nosso posicionamento, o que pensamos, o que achamos, se conhecemos. **A nossa participação é efetivada, exatamente, por meio de nossas prováveis soluções. É a forma de que dispomos para participar do contexto social.**

5. Evite definições.

Elas são perigosas.

Dado um tema como «A Liberdade», a maioria tende a sair definindo:

A Liberdade é...

A Liberdade é...

A Liberdade é..., monotonamente, maçantemente, insuportavelmente, de uma pobreza de espírito que revoltaria até São Francisco.

É sempre melhor criar uma história, relatar um episódio, dentro da qual e no decorrer do qual **apareça o tema**.

6. O ponto final (.).

Não o esqueça. Denota desleixo. Depõe contra você e ... é erro!

7. O pingo no i.

É preciso pôr os pingos nos is!...

8. Cortar o t.

9. A cedilha no ç.

10. A inicial maiúscula de período.

11. As maiúsculas nos títulos.

12. As iniciais de nomes próprios, maiúsculas.

13. Erro gráfico até no título, é terrível!

14. Estrangeirismo.

O emprego de vocábulo que não pertença ao nosso idioma só pode ser feito quando não haja, em português, palavra de sentido correspondente. Termo técnico, por exemplo. Se usada, a palavra deve vir entre aspas («») ou grifada.

Ex.: «Know-how».

15. Eco.

É a rima na prosa. Só os artistas têm direito de recorrer a ela, que pode fornecer belos efeitos.

Exemplo de eco (defeito):

Margarida levou toda a **vida** para atravessar a **avenida**.

O **Maneco** entrou no **boteco** e bebeu uns **trecos**.

16. A gíria:

Via de regra não! A menos que se trate de diálogo, e entre como transcrição da linguagem de nível coloquial-popular. Fora daí, o uso da gíria será interpretado como **pobreza vocabular**. É negativo.

17. Não abrevie palavras.

Escreva-as todas por extenso, a menos que se trate de abreviações consagradas como por exemplo o «etc.».

18. Evite repetir palavras.

Use sinônimos. Há repetições que enfatizam. Mas fora o caso intencional da ênfase, repetir revela pobreza vocabular ou desleixo.

Exemplo de repetição enfática:

«Vamos, não chores...

A infância está **perdida**.

A mocidade está **perdida**.

Mas a vida não se **perdeu**».

(Carlos Drummond de Andrade, *A Rosa do Povo*)

19. Não escreva demais!

No caso de não limitarem o número de linhas, não vá além de vinte e cinco.

Entendo que o ideal para uma Redação são vinte linhas.

Também não escreva «de menos». Dado um limite mínimo (20, por exemplo), não pare nesta linha. Vá adiante uma ou duas linhas, pelo menos.

20. Não «encha lingüiça»!

À falta de idéias, não fique repetindo a mesma coisa com palavras diferentes! Isso é redundância, é prolixidade, é terrível defeito! É preferível poucas linhas bem redigidas a muitas mal escritas. Faça um trabalho honesto!

21. Não aumente o tamanho da letra para dar impressão de que escreveu bastante.

Isso indis põe o avaliador. Letra estilo «bicho-de-pé», só se vê a linha (de tão pequena), não pode. O avaliador não vai colocar lente de aumento especialmente para corrigir sua redação.

22. Não se desculpe dizendo que não escreveu mais porque o tempo foi pouco.

Ninguém vai acreditar!...

Essa conversa de que é a primeira redação, então... nem se fala.

23. Não cometa CACOFONIA, que é a palavra de sentido obsceno, chulo ou ridículo, formada pela junção de sílabas entre as palavras:

Aqui ela se disputa todos os dias...
A boca dela...

Fé demais...

24. Pensamento novo, período novo.

É comum, entre os que iniciam, misturar no mesmo período idéias que não se completam. Tome por norma: idéia nova, período novo. Veja, entretanto, que isso nem sempre significa parágrafo novo!

25. Oração subordinada sem principal — não diz nada! Não pode!

Se há subordinada, tem de haver principal. Ou você já viu comandado sem comandante? Veja se entende alguma coisa:

— Quando Maria chegou porque tinha visto um homem que ela não conhecia.

— A menina que estava chorando quando a chamaram.

— Quando chove, se estamos sem agasalho, **resfriamo-nos**.

— O embrulho que chutou na calçada.

Deu para entender? Por que não deu?

E agora:

— Quando Maria chegou, porque tinha visto um homem que ela não conhecia, **desandou a chorar**.

— A menina, que estava chorando, quando a chamaram, **foi eleita rainha**.

— Quando chove, se estamos sem agasalho, **resfriamo-nos**.

— O embrulho que chutou na calçada **furou-lhe o pé**.

Especialmente, **tome cuidado com os períodos muito longos**: resultam confusos e são propícios a períodos incompletos; **os verbos nas formas nominais — gerúndio, particípio, infinito** — equivalem a subordinadas; portanto, deve haver uma principal.

O início da redação

Começar a redação, para alguns alunos, é uma tarefa ingrata e, às vezes, irrealizável, determinando desta forma o seu insucesso. Há alunos que sentem verdadeiro pavor como «**como é que eu começo**». Depois de tudo o que foi visto, parece-nos que isto deve deixar de ser problema: as orientações e os treinamentos são elementos desinibidores suficientes. E, para que não persistam dúvidas (e como incentivo ao trabalho), algumas sugestões para «INÍCIOS», sobre como «DESENVOLVER» e «CONCLUIR» um assunto.

I. Você pode **iniciar** um assunto utilizando os seguintes recursos:

1. Dados retrospectivos. Exemplo:

As primeiras manifestações de comunicação humana, nas eras mais primitivas, foram traduzidas por sons que expressavam sentimentos de dor, alegria ou espanto. Mais tarde...

2. Uma citação. Exemplo:

O assunto do (sobre) ... pode ser analisado (ou discutido) a partir das palavras lúcidas de ... quando afirma que «...»

3. Uma cena descritiva. Exemplo:

O som invade a cidade. Buzinas estridentes atordoam os passantes. Edifícios altíssimos cobrem os céus cinzentos da grande metrópole. Uma fumaça densa e ameaçadora empresta a São Paulo o aspecto de fotografias antigas sombreadas pela cor do tempo. É a paisagem tristonha da poluição.

4. Uma pergunta. Exemplo:

Será a chamada música popular brasileira verdadeiramente popular e verdadeiramente brasileira?

5. Um dado geográfico precisando um fato. Exemplo:

Em Criciúma, no sul de Santa Catarina, oito mil homens vivem uma aventura todos os dias. A aventura do carvão. São os mineiros, homens que quase nunca vêem o sol.

6. Dados estatísticos. Exemplo:

Naquela cidade de... habitantes, cerca de ... freqüentam as salas escolares, o que atesta a preocupação das autoridades com o nível de instrução de seus moradores.

7. Narrativa de um ato. Exemplo:

Em agosto de 1976, faleceu o ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, em cuja gestão foi construída a monumental capital brasileira.

8. O recurso da linguagem figurada. Exemplo:

O jornaleiro, filho das madrugadas frias do Sul, quebra o gelo das manhãs gaúchas com sua voz cortante e queixosa como o minuano nos pampas.

9. Uma frase declarativa. Exemplo:

O artista contemporâneo, diante de um mundo fundamentalmente complexo e agitado, tem por missão traduzir o mais fielmente possível essa realidade.

10. Com idéias contrastantes. Exemplo:

Enquanto os grandes salões de alta costura das grandes capitais exibem coleções de vestimentas suntuosas, os marginais da sociedade morrem de frio por falta de agasalho.

⇒ O importante é que na **INTRODUÇÃO** de uma **redação dissertativa** apareça o tema, o ponto de vista, a tese, alguma referência, enfim, ao assunto da redação; daí que nada obsta que, na introdução, **apareçam as palavras que compõem o tema/título.**

Portanto, a maneira mais simples (de se vencer o tormento) de iniciar uma redação, e de que todos dispõem, é falando sobre ela mesma, sobre o tema dado, o assunto pedido, o título sugerido. Não há que se inventar nada. Ele já está lá, à nossa disposição. Desta forma, não há por temê-lo, mas apreciá-lo pelas vantagens que pode nos oferecer.

II. Para **desenvolver** o assunto de uma redação, podemos utilizar os seguintes recursos:

- a) citações
- b) dados estatísticos
- c) justificativas
- d) exemplos
- e) comparações

Em se tratando de um assunto polêmico, o aluno deve examinar os prós e os contras que o envolvem, concluindo com uma idéia que expresse sua posição em torno da problemática analisada.

III. A **conclusão** de uma redação deve ser, em primeiro lugar, enfática. Um bom início e uma conclusão bem feita emprestam brilho e interesse ao trabalho. A conclusão pode conter uma idéia pitoresca, humorística, surpreendente, taxativa, sugestiva. O assunto nunca pode ser abandonado em meio à plena discussão dos aspectos que a ele se ligam. Um meio adequado de bem concluir é aquele em que sintetizamos o assunto nos termos em que foi proposto ou questionado na etapa introdutória.

Para treinamento, use o modelo de esquema sugerido há pouco.

Pontos a ponderar

Há certas partes de um navio que, tomadas isoladamente, afundariam. A máquina afundaria; a hélice também. Mas, quando as partes de um navio são colocadas em conjunto, flutuam.

Assim acontece com as nossas experiências em redação. Algumas têm sido trágicas; outras, felizes. Mas todas reunidas compõem uma embarcação que está rumando para um destino definido, certo, e isso nos faz sentir reconfortados, otimistas, confiantes para prosseguir e persistir.